

Estudos de Tradução

Actas de
Congresso Internacional



Universidade da Madeira

Coordenação de
Maria Zina Gonçalves de Abreu
e Marcelino de Castro

Principia

Título

Estudos de Tradução – Actas de Congresso Internacional

Organização e Introdução

Maria Zina Gonçalves de Abreu
Marcelino de Castro

Copyright

© PRINCIPIA, Publicações Universitárias e Científicas
Cascais, Maio, 2003 – 1.ª edição

Design da capa

Maia Moura Design

Composição e Paginação

Xis e Érre, Lda.

Execução Gráfica

Tipografia Peres

ISBN 972-8818-00-9

Depósito Legal 192993/03

Principia, Publicações Universitárias e Científicas

Avenida Marques Leal, 21, 2.º – 2765-495 S. João do Estoril
Telefone 214 678 710 • Fax 214 678 719 • e-mail principia@principia.pt • www.principia.pt

82.08
CON EST
EX-1



UNIVERSIDADE da MADEIRA

Departamento de Estudos Anglisticos e Germanisticos

Universidade da Madeira

Congresso Internacional de Estudos de Tradução
Funchal - 17 a 19 de Abril de 2002

Estudos de Tradução

Actas de Congresso Internacional

UNIVERSIDADE DA MADEIRA
SERVIÇOS DE DOCUMENTAÇÃO

Organização e Introdução

Maria Zina Gonçalves de Abreu
Marcelino de Castro

 **Principia**
Publicações Universitárias e Científicas

OFERTA

Associação de Estudos Anglisticos e Germanisticos
Associação de Estudos Anglisticos e Germanisticos

Estudos de Tradução
Actas do Congresso Internacional

A publicação de
Estudos de Tradução – Actas do Congresso Internacional
insere-se no acordo de parceria editorial existente entre a
Principia, Publicações Universitárias e Científicas e a



DEPARTAMENTO DE ESTUDOS ANGLÍSTICOS E GERMANÍSTICOS
Campus Universitário da Penteadá, Piso 1 – 9000-390 Funchal, Portugal
Telef.: 351 291 705 360 • Fax: 351 291 705 379 • e-mail: cddeag@uma.pt

Pius Aeneas: Considerações sobre o Significado de Pietas na Eneida de Vergílio (II, vv. 707ss.)

Cristina Santos Pinheiro
Universidade da Madeira (Portugal)

Abstract

Pietas is one of the more difficult Roman moral concepts to translate to Portuguese. The word *piiedade*, its etymological derivative, does not wholly correspond to *pietas*. By analysing *Aeneid* II, vv. 707 ff. this article aims at 1. defining what is *pietas* – namely Aeneas' *pietas* as presented in Vergil's work – and 2. finding the better way to account for this complex concept in the Portuguese language.

Keywords:

Aeneas; Aeneid; Vergil; Pietas; Latin Literature; Roman moral concepts

Um dos conceitos morais romanos que mais dificuldade levanta na sua tradução é o conceito de *pietas*. Se a palavra portuguesa *piiedade* deriva etimologicamente desta palavra latina, o que é certo é que ao longo dos séculos foi abrangendo signi-

ficados que a afastam do seu étimo. Tomemos como ponto de partida para esta reflexão a definição de *piedade* que consta do *Grande Dicionário da Língua Portuguesa* de Cândido de Figueiredo:

Piedade [do lat. *pietas*] 1. s. f. pena, dó; 2. s. f. amor às coisas da religião; 3. s. f. compaixão, sentimento despertado pelos sofrimentos alheios e que nos leva a mitigá-los ou a desejar remediá-los. 4. s. f. religiosidade, devoção.

Destacam-se desta definição dois vectores: por um lado, a associação da *piedade* à religião, por outro, a sua relação com a comiseração pelos males alheios. Cícero define *pietas* como:

est enim pietas iustitia aduersum deos (Cic., *De natura deorum* I, 116)

(*pietas* é a justiça em relação aos deuses)

pietatem \appellanti, quae erga patriam aut parentes aut alios sanguine coniunctos officium conserutare moneat (Cic., *De inv.* II, 66)

(chamam *pietas* o que nos leva a cumprir o nosso dever para com a pátria, para com os pais ou para com outras pessoas às quais estamos unidos por laços de sangue.)

(...) *pietas, per quam sanguine coniunctis patriaeque beniuolum officium et diligens tribuitur cultus* (Cic., *De inv.* II, 161)

(*pietas* [é o sentimento] em nome do qual se concede às pessoas que estão ligadas a nós por laços de sangue e à pátria um cuidado zeloso e um dever benévolo.)

Assim, o conceito de *pietas* relaciona-se, por um lado, com os deuses, por outro, com a pátria, com os pais e com outros familiares. Enquadra, deste modo, o indivíduo no mundo, no Estado e na família, regulamentando a sua acção dentro da sociedade e do núcleo familiar. Se podemos entender *pietas* como devoção para com os deuses, sentido que a palavra *piedade* mantém, a noção de dever para com os familiares e para com a pátria está ausente da palavra portuguesa.

Para compreendermos melhor a noção de *pietas* analisemos a personagem da literatura latina que é, por excelência, a encarnação deste valor – o *pius Aeneas* de Vergílio – num dos (muitos) momentos que lhe granjearam esta caracterização: a fuga de Tróia na companhia do pai, Anquises, do filho, Ascânio, e da esposa, Creúsa. Acolhido em Cartago por Dido, Eneias descreve no palácio da rainha a conquista de Tróia pelos Gregos e as peripécias da sua viagem até desembarcar na Líbia. Relata

também a forma como, depois de ver a cidade a saque e de, admoestado por Vénus por tentar salvar o que não tinha salvação e de não olhar pelos familiares em perigo, se dirigiu para casa para preparar a partida. Depois de alguns reveses e peripécias, nomeadamente a recusa de Anquises em deixar para trás a pátria (II, vv. 637ss.), atitude típica (e intemporal) de quem não quer abandonar o que construiu durante toda uma vida, por intervenção divina o ancião decide-se finalmente a acompanhar a família.

Eneias conta então como fugiram de Tróia (vd. Anexo A). Podemos dividir o excerto em duas partes, incluindo na primeira as instruções dadas por Eneias aos companheiros de viagem (vv. 707-20) e na segunda a descrição dos primeiros momentos da fuga (vv. 721-29). Eneias começa por instruir os familiares sobre a partida. Os versos que se seguem são um lenitivo para um pai aflito que ainda há momentos estava disposto a ficar para trás e a morrer¹. A segurança das palavras de Eneias mostram a preocupação de tranquilizar Anquises, mostrando-lhe que não está sozinho e que, mesmo não tendo já força para se opor ao exército inimigo, dispõe do apoio do filho. Atente-se nos versos 708 a 710:

*ipse subibo umeris nec me labor iste grauabit;
quo res cumque cadent, unum et commune periculum,
una salus ambobus erit.*²

Se analisarmos estas palavras à luz da definição de *pietas* de Cícero, parecer-nos-á evidente que estamos perante uma demonstração de *pietas erga parentes*. Se traduzirmos, no entanto, esta mesma expressão por *piedade para com os pais* e a compararmos com a atitude de Eneias, veremos como falta na palavra *piedade* algo que a distinga de *pena* e de *dó*. É porque a preocupação de Eneias ultrapassa a mera comiseração pelo velho Anquises. Existe respeito, reverência e solidariedade pela figura paterna. *Pena* Eneias sente por outras pessoas, indiferenciadamente. *Pietas* sente apenas pelos familiares. Por este motivo, a *pietas* de Eneias será, assim, mais *devoção* ou *amor filial* do que apenas *piedade*. A ligação entre pai e filho é evidente nas palavras de Eneias: unidos no perigo e na adversidade estarão também unidos na paz e na prosperidade³.

¹ Note-se a expressão de estilo coloquial *ergo age* no verso 707, que reflecte o tom familiar com que Eneias se dirige ao pai e que nos recorda que estamos perante uma conversa entre pai e filho.

² Cf. tradução no Anexo A.

³ No livro VI, vv. 403-7, quando desce aos Infernos para encontrar Anquises, depois da morte deste, a Sibila apresenta Eneias ao barqueiro Caronte com as seguintes palavras: *Troius*

Atentemos a seguir na atitude de Eneias para com o filho. Se tem de levar o pai às costas, devido à sua idade avançada, o pequeno Julo leva-o pela mão: *Mibi parvius Iulus / sit comes* (II, 710-11); *dextrae se parvius Iulus / implicuit sequiturque patrem non passibus aequis* (II, 723-24). O contacto físico que, deste modo, estabelece entre duas gerações, colocando-se entre o pai e o filho, entre avô e neto, representa visualmente a linha sucessória da família. Eneias traz às costas o passado e o futuro pela mão. Transporta em Anquises a história da família, o peso dos antepassados, e no pequeno Julo a esperança de um futuro que será, necessariamente, diferente. A *pietas* de Eneias manifesta-se também na preocupação pelo bem estar do filho. Para compreendermos melhor este sentimento, abandonemos momentaneamente a *Eneida* e analisemos as palavras de Jasão na tragédia *Medeia* de Séneca. Tendo-se refugiado, juntamente com Medeia e com os filhos de ambos, junto de Creonte, rei de Corinto, Jasão renuncia à união com Medeia e assume um compromisso com Creúsa, a filha do rei. Justifica assim o seu novo casamento:

*remedia quotiens inuenit nobis deus
periculis peiora: si uellem fidem
praestare meritis coniugis, leto fuit
caput offerendum; si mori nollem, fide
misero carendum. non timor uicit fidem,
sed trepida pietas: quippe sequeretur necem
proles parentum.* (Sén., *Medea*, vv. 433ss.)

(Quantas vezes um deus encontrou para mim remédios piores do que o perigo: se quisesse cumprir o meu compromisso para com os direitos da minha esposa, tinha de oferecer a minha cabeça à morte, se não quisesse morrer, pobre de mim!, tinha de abrir mão do compromisso. Não foi o medo que venceu o compromisso, mas a *pietas* temerosa: porque os meus filhos seguiriam a morte dos pais.)

Aeneas, pietate insignis et armis, / ad genitorem imas Erebi descendit ad umbras. / Si te nulla mouet tantae pietatis imago, / at ramum hunc (aperit ramum, qui ueste latebat) / adgnoscas. [O Troiano Eneias, ilustre pela sua *pietas* e pelas armas, / desceu às profundezas das trevas do Érebo para se encontrar com o pai. / Se não te comove a visão de uma *pietas* tão sincera, / talvez reconheças este ramo (então mostra o ramo que estava escondido na sua veste)].

Mais uma vez, a tradução de *pietas* por *piedade* fica aquém do real significado da palavra. É porque a *pietas* liga aqui o pai e os filhos. É o medo da morte destes que leva Jasão a abandonar Medeia. Mais à frente, quando o espírito de Medeia se debate entre o desejo de vingança e o amor de mãe, diz:

*anceps aestus incertam rapit;
ut saeua rapidi bella cum uenti gerunt,
utrimque fluctus maria discordes agunt
dubiumque feruet pelagus, haut aliter meum
cor fluctuatur: ira pietatem fugat
iramque pietas... cede pietati, dolor. (Sén., Medea, vv. 939ss.)*
(Arrebata-me um fogo ambíguo; estou indecisa;
como, quando os ventos violentos travam uma guerra cruel,
de um lado e de outro as vagas em discordância agitam o mar
e o pélogo enganador fervilha, é assim que
o meu coração se agita: a ira afugenta a *pietas*,
a *pietas* [afugenta] a ira... Deixa a *pietas* vencer, dor!)

Basta-nos pensar na personagem que pronuncia tais palavras para concluirmos que *pietas* não equivale a *piedade*, a pena. Dificilmente a comiseração pelos males alheios demoverá Medeia de fazer o que quer que seja. Lembremos somente o rapto de Absirto, seu irmão, cujo corpo despedaçou e espalhou pelo caminho para atrasar a perseguição do pai, quando fugia da Cólquida com Jasão. Ou então, o assassinio de Pélias, tio paterno do mesmo Jasão, também cortado em pedaços pelas próprias filhas, enganadas por Medeia que lhes mostrara um carneiro a entrar velho num caldeirão e a sair como um jovem cordeiro. Certamente não estamos perante uma personagem *piedosa*. Estamos perante uma mãe, mesmo que seja bárbara, selvagem, praticante de feitiçaria. Não interessa, estamos perante uma mãe, portanto os sentimentos que se degladiam no coração de Medeia são, certamente, o desejo de punir Jasão e o amor de mãe. São dois tipos diferentes de amor.

Como diz Cícero (*De inv.* II, 66), a *pietas* faz parte de uma série de sentimentos, de disposições de espírito que são inatas ao homem, que não se regulamentam, não se impõem. É por isso que também na tragédia senequiana Medeia, ainda que por breves instantes, demonstra este sentimento.

Regressemos a Eneias, que já provou a sua *pietas* para com o pai e o filho. Resta Creúsa, que, segue o grupo dos três homens, sem qualquer contacto físico com estes. *longe seruet uestigia coniunx* (II, v. 711) é o que Eneias determina. Creúsa vai *pone* (II, v.

725), vai atrás, observando *longe* – de longe – os passos do marido. Esta atitude para com a esposa tem granjeado a Eneias, ao longo de vinte séculos, as mais duras acusações: de desatenção, de indiferença, de insensibilidade... No meio da confusão de uma cidade a saque, consumida pelas chamas, Creúsa desaparece. Eneias olha para trás, depois de, avisado por Anquises de que se aproximavam soldados, ter corrido desesperadamente. Onde está então a *pietas* de Eneias para com a esposa? Em primeiro lugar, é necessário recordarmos que Creúsa tem de desaparecer da narrativa por uma questão de conveniência. É que o destino de Eneias reserva-lhe em terras latinas uma outra esposa, a filha do rei Latino, com quem terá de se casar para cumprir a vontade dos deuses. Por outro lado, não devemos esquecer a definição de *pietas* de Cícero: *coniunctis sanguine*. É que, apesar de tudo, a esposa não partilha o mesmo sangue dos membros masculinos da sua família. A esposa é um elemento à parte e, por esse motivo vai atrás. No entanto, a *pietas* é também um sentimento que liga a esposa e o marido e, enquanto tal, figura em inúmeros epitáfios e inscrições que celebram as relações matrimoniais (TREGGIARI, 1993: 242). Por este motivo, Saller (1996: 147-51) define *pietas* como afecto recíproco, partilhado por todos os membros da família. A reacção desesperada de Eneias perante a perda da esposa permite-nos, pelo menos, conceder-lhe o benefício da dúvida. Se deixou que Creúsa se perdesse na fuga, se, como ele próprio afirma (v. 741) não voltou a pensar nela, decerto não terá sido uma acção intencional.

Analisemos, por último, a *pietas* de Eneias para com os deuses. A sua preocupação pelas imagens dos Penates é evidente quando Eneias se recusa a tocar-lhes sem antes se purificar (vv. 717-20). Já na *Íliada* se assinala o respeito que Eneias vota aos deuses e esta característica acompanha-o na *Eneida*. A devoção do Troiano é condição *sine qua non* para a chegada ao Lácio e para o cumprimento do seu destino. Também a lealdade que manifesta em relação à pátria domina a obra. Como antepassado de Júlio César e de Augusto, que encomendou a *Eneida*, Eneias teria de ser o cidadão perfeito. Em Tróia, luta enquanto pode contra os Gregos. É necessário que primeiro o fantasma de Heitor, depois a própria mãe, Vénus, o façam compreender que é inútil resistir. Só quando esta retira dos olhos do filho a nuvem que tolda a visão dos mortais e lhe permite, assim, observar os deuses lutando ao lado dos Aqueus, é que Eneias, finalmente, se dá por vencido e prepara a fuga. No entanto, ao deixar Tróia para trás, impõe-se ao seu espírito a ideia de uma outra pátria. É o fantasma de Creúsa quem profetiza:

*Longa tibi exsilia, et uastum maris aequor arandum,
et terram Hesperiam uenies, ubi Lydius arua
inter opima uirum leni fluit agmine Thybris:*

illic res laetae regnumque et regia coniunx

parta tibi. (II, vv. 780-4)

(Espera-te um longo exílio e terás de percorrer a vasta superfície do mar. Chegarás a terras da Hespéria, onde o Lídio Tibre flui com a sua corrente calma, entre os campos riquíssimos dos homens. Aí foram gerados para ti a prosperidade, um reino e uma esposa de estirpe real.)

Será, a partir de então, o almejo desta nova pátria o que fará Eneias avançar, mesmo quando, instalado no palácio de Dido, se distrai da sua missão. É à *pietas* de Eneias que Mercúrio apela quando tem de o lembrar de que Cartago e Dido não são nem a terra que procura nem a esposa de estirpe real que lhe estão destinadas.

Si te nulla mouet tantarum gloria rerum, (...)

Ascanium surgentem et spes beredis Iuli

respice, cui regnum Italiae Romanaque tellus

debentur. (IV, vv. 272ss.)

(Se não te interessa a glória de feitos tão importantes (...), pensa em Ascânio que está a crescer e na esperança do herdeiro Julo, a quem são devidos o reino da Itália e a terra romana.)

Eneias é o herói *insignis pietate*, caracterização que surge logo no verso 10 do livro I. É também o *pious Aeneas*, expressão que o define ao longo de toda a obra, cerca de vinte vezes. Como vimos, a *pietas* do Troiano assume todos os elementos enumerados por Cícero e revela-se na relação de Eneias com o pai, com o filho, e eventualmente com Creúsa, portanto, dentro do núcleo familiar. Neste sentido, traduzir *pietas* por *piedade* é pouco exacto ou, pelo menos, incompleto e vocábulos como *amor ou devoção filial ou paternal* estarão mais próximos do conceito analisado. Também a relação do Troiano com os deuses e com a pátria se adequa à definição avançada por Cícero. *Piedade* ou *veneração* expressarão melhor o sentido de *pietas erga deos*, enquanto *patriotismo* será a melhor tradução de *pietas erga patriam*.

Nos últimos versos da *Eneida*, depois de apaziguada a ira de Juno, principal força opositora à missão de Eneias, Júpiter compensa-a com o facto de nunca mais se falar de Troianos, já que estes se diluirão pela aliança com os povos itálicos. O povo que nascer desta união, ou seja os Romanos, superará os outros povos e mesmo os deuses na prática da *pietas*.

*Hinc genus Ausonio mixtum quod sanguine surget,
supra homines, supra ire deos pietate uidebis,
nec gens ulla tuos aeque celebrabit honores.* (XII, vv. 838ss.)

(Daqui [da união entre os dois povos] surgirá uma raça que, mesclada com o sangue ausônio, verás ultrapassar os homens, verás ultrapassar na *pietas* os deuses e nenhum povo te honrará da mesma forma.)

Este valor caro aos Romanos assume especial importância no tempo de Augusto. Além de ser apresentado como a característica mais importante da personagem principal da epopeia vergiliana, é explorada como arma de arremesso na propaganda política da época. Depois da morte de César, Octaviano, seu filho adotivo, reclama para si o dever de castigar os assassínios do pai e explora à saciedade o seu estatuto de *Diui filius* – filho de um deus – que lhe outorgava um papel preponderante na cena política romana da altura. Vingar Júlio César e tomar as rédeas do poder são duas tarefas apresentadas por Octaviano, futuro Augusto, como obrigações ditadas pela *pietas*. O *clupeus uirtutis*, que lhe foi dedicado em 27 a. C., celebrava as virtudes de Augusto (ZANKER, 1990: 95):

SENATVS POPVLVSQVE ROMANVS IMP(ERATORI) CAESARI DIVI(FILIO) AVGVSTO CO(N)SVLI VIII DEDIT CLVPEVM VIRTVTIS CLEMENTIAE IVSTITIAE PIETATIS ERGA DEOS PATRIAMQVE

(O Senado e o Povo Romano concederam ao *Imperator* César Augusto, filho de um deus, cônsul oito vezes, o escudo da virtude, da clemência, da justiça, da *pietas* para com os deuses e para com a pátria [i. e. da devoção e do patriotismo]).

A devoção, a *pietas* de Augusto em relação aos deuses deixa-se entrever na reconstrução sistemática de templos (82 é o número indicado nas *Res Gestae*) e na renovação de cultos e colégios sacerdotais alguns completamente esquecidos e caídos em desuso. A sua *pietas* em relação à pátria faz parte integrante do seu programa político, já que Augusto se apresenta sempre como o protector, como o pai da pátria, quer seja do seu bem-estar quer dos valores morais que considera necessários para reconquistar a integridade dos costumes de antanho. É nesta política de renovação moral que devemos entender o papel do *pius Aeneas* de Vergílio.

A *pietas* de Eneias aparece representada na *Ara Pacis*, construída entre 13 e 9 a. C., mas ultrapassa as fronteiras físicas e temporais do império romano. A imagem do

Troiano transportando o pai, o filho e as imagens dos Penates⁴ simboliza a capacidade de resistência do ser humano que encontra forças que não conhece para enfrentar a adversidade. Representa também a possibilidade de, qual fénix, renascer das cinzas e criar uma nova civilização. Repare-se na importância da *pietas* neste contexto, já que este valor regulamenta, como vimos, a acção do indivíduo na família, no Estado e no mundo. Quando Eneias e os seus companheiros partem de Tróia levam consigo aquilo que é realmente importante: a família e os sentimentos de afecto e solidariedade que a caracterizam e as imagens dos deuses Penates, deuses que protegem o lar e o Estado, e que simbolizam, por um lado, o poder da espiritualidade, por outro, a capacidade (ou a necessidade?) humana de aglomeração e de organização. É, portanto, simultaneamente, uma imagem de esperança e de humanidade.

⁴ Cf. a título de exemplo a famosa escultura de Bernini *Eneias, Anquises e Ascânio*, na Galeria Borghèse, em Roma.

Anexo A

*"Ergo age, care pater, ceruici imponere nostrae;
 ipse subibo umeris nec me labor iste grauat;
 quo res cumque cadent, unum et commune perichum,
 una salus ambobus erit. Mibi paruus Iulus
 sit comes, et longe seruet uestigia coniunx.
 Vos, famuli, quae dicam animis aduertite uestris.
 Est urbe egressis tumulus templumque uetustum
 desertae Cereris, iuxtaque antiqua cupressus
 religione patrum multos seruata per annos:
 hanc ex diuerso sedem ueniemus in unam.
 Tu, genitor, cape sacra manu patriosque penatis;
 me bello e tanto digressum et caede recenti,
 attrectare nefas, donec me flumine uiuuo
 abluero."*

*Haec fatus latos umeros subiectaque colla
 ueste super fuluique insternor pelle leonis,
 succedoque oneri; dextrae se paruus Iulus
 implicuit sequiturque patrem non passibus aequis;
 pone subit coniunx. Ferimur per opaca locorum,
 et me, quem dudum non ulla iniecta mouebant
 tela neque aduerso glomerati ex agmine Grai,
 nunc omnes terrent aurae, somis excitat omnis
 suspensum et pariter comitique onerique timentem.*

(Vamos, querido pai, coloca-te sobre as minhas costas;
 eu próprio te subirei para os meus ombros e este esforço não me sobrecarregará.
 Como quer que os acontecimentos de desenrolem, enfrentaremos um único e comum perigo,
 os dois teremos a mesma salvação. Acompanhe-me o pequeno Julo
 e a minha esposa siga de longe os meus passos.
 Vós, criados, ouvi com atenção o que vou dizer:
 existe à saída da cidade uma colina e um templo antigo
 dedicado a Ceres abandonada: mesmo ao pé existe um velho cipreste
 respeitado durante muitos anos pela devoção dos nossos antepassados.
 Vindo de direcções diferentes, juntemo-nos neste sítio.
 Tu, pai, toma na tua mão as imagens sagradas, os Penates da nossa pátria.

Não é lícito que eu, que ainda há pouco saí de um combate tão feroz
e de um morticínio recente, toque nelas, enquanto não me purificar
com água corrente.

Depois de pronunciar estas palavras, cubro completamente os meus ombros
e rodeio o meu pescoço inclinado com uma veste e, por cima, com uma pele de leão de cor
amarelada.

Coloco-me debaixo da minha carga, o pequeno Julo agarra a minha mão direita
e segue o pai com passos desiguais.

Atrás segue a minha esposa. Avançamos através das zonas escuras dos lugares
e eu, a quem há pouco não assustavam nem as lanças arremessadas
nem os Gregos do batalhão inimigo em formação,
agora, todas as brisas me aterrorizam, qualquer ruído me põe de sobreaviso e inquieto
e temendo ao mesmo tempo pelo companheiro e pela carga.)

Bibliografia

- AUSTIN, R. G. (ed.) (1980), *P. Vergili Maronis Aeneidos Liber Secundus*, Oxford, Clarendon Press.
- (1982), *P. Vergili Maronis Aeneidos Liber Quartus*, Oxford, Clarendon Press.
- (1986), *P. Vergili Maronis Aeneidos Liber Sextus*, Oxford, Clarendon Press.
- AX, W. (ed.) (1933), *M. Tulli Ciceronis Scripta Quae Manserunt Omnia*, fasc. 45, Packard Humanities Institute.
- Figueiredo, Cândido de (1996), *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, s. v. 'piedade', Venda Nova.
- MYNORS, R. A. B. (ed.) (1972), *P. Vergili Maronis Opera*, Packard Humanities Institute.
- SALLER, Richard (1996), 'Corporal Punishment, Authority, and Obedience in the Roman Household', in Beryl Rawson (ed.), *Marriage, Divorce, and Children in Ancient Rome*, pp. 144-165, Oxford, Clarendon Press.
- Stroebel, E. (ed.) (1915). *M. Tulli Ciceronis Scripta Quae Manserunt Omnia*, fasc. 2, Packard Humanities Institute.
- TREGGIARI, Susan (1993), *Roman Marriage: Iusti Coniuges From the Time of Cicero to the Time of Ulpian*, Oxford, Clarendon Press.
- ZANKER, Paul (1990), *The Power of Images in the Age of Augustus*, Ann Arbor, The University of Michigan Press.
- ZWIERLEIN, Otto (ed.) (1986r), *L. Annaei Senecae Tragoediae*, Oxford, Clarendon Press.